

O GINÁSIO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: AS PRÁTICAS ESPORTIVAS NA GRÉCIA ANTIGA

*Fábio de Souza Lessa**

*Vanessa Ferreira de Sá Codeço***

Resumo:

*Neste artigo, defendemos que o ginásio, espaço público e indissociável da dinâmica **polítade**, era um lugar socialmente construído, onde os valores helênicos eram exaltados através das práticas esportivas e das interações sociais.*

Palavras-chave: *espaço; ginásio; Grécia Antiga; nudez.*

Um dos grandes legados dos helenos que o mundo moderno herdou foi a prática esportiva. Não que ela fosse exclusividade dos gregos, mas constituía uma parte preponderante de sua cultura. O esporte teve grande destaque entre os helenos, especialmente durante o Período Clássico (séculos V e IV a.C.). A ginástica, por exemplo, ocupava parte significativa do processo educacional. O fato de o esporte ter se tornado o elemento preponderante em toda *paideia* não só ateniense, mas helênica de um modo geral, explica-se por dois fatores: sua importância militar e a capacidade de iniciação numa vida civilizada. O gosto pelos esportes atléticos e sua prática permanece desde a Época Arcaica (séculos VIII-VI a.C.) e se torna um dos traços dominantes e definidores da identidade grega, separando-a dos bárbaros pelos valores éticos exaltados.

* Professor associado de História Antiga do Instituto de História (IH) e do Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ. Membro do Laboratório de História Antiga (Lhia)/UFRJ. Apoio financeiro do CNPq e da Faperj. Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado (Faperj).

** Professora doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC), sob orientação do Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa. Bolsista Capes.

As atividades esportivas tinham finalidades muito específicas. Cada modalidade atlética deveria contribuir para despertar uma série de atributos, como a **andréia** (ARISTÓTELES. **Política**. VIII, 1337 b, 28), o espírito **agonístico**, a **koinonía**, a **euxía** (saúde) e a **areté**, além de também atender a objetivos militares. Inicialmente, a prática física estava ligada principalmente às necessidades da vida militarizada; apenas depois do século VII é que podemos assinalar uma sensível desmilitarização de algumas **póleis**, como Atenas, que abandona a vida marcadamente militar, ainda encontrada em Creta e Esparta, canalizando os esportes para as esferas cívica e heróica (BARROS, 1996, p.31). Em tempos de paz, a educação **gímnica** tinha o objetivo de construir o corpo do atleta, contudo a função de defesa da **pólis** não era de todo abandonada, de modo que também atendia a esse fim. Assim, dardos poderiam ser substituídos por lanças, discos por escudos, já que a luta era imprescindível na guerra. Tudo em favor da defesa da **pólis**. Platão, nas **Leis**, assinala a relação das práticas esportivas com a guerra:

*Já apresentamos muitos reparos com referência à dança e a toda espécie de exercícios, pois incluímos no conceito de ginástica todos os trabalhos relacionados com a guerra: o tiro com arco, e outras modalidades de arremesso, o combate com armas leves e pesadas, evoluções táticas, a arte de levantar ou fixar acampamento, e tudo o que se relaciona com o ensino da equitação. (PLATÃO. **Leis**. VII, 813-d a 814-a)*

As práticas esportivas também permitiam a interação de diferentes grupos de homens/cidadãos no interior da sociedade *poliade*, explicitando suas alteridades (LESSA, 2003, p.53). Em Atenas, a esfera esportiva produzia identificação e promoção social, marcava o *eu* e o *outro*, implicava prestígio perante seus **isoí**, promovia a coesão cívica e materializava a identidade sociocultural helênica.

Com tantas finalidades (ética, militar e social), não seria difícil imaginarmos o quanto tais atividades caíram no gosto dos atenienses. A frequência aos ginásios, que não era obrigatória, tornara-se um diferenciador social. Lá, os cidadãos aprendiam que o corpo pertencia a algo muito maior – a **pólis**, a **koinonía** (SENNETT, 1977, p.42) –, tornando-se um dos elementos de integração dos **isoí** à medida que os homens se reconheciam nos olhos dos outros homens e marcavam suas identidades como cidadãos. Tal identidade tinha a máxima exibição e expressão nas competições esportivas, nas quais o cidadão apresentava seu corpo bem treinado.

Há consenso entre os especialistas de que os Jogos eram um *espelho* da vida e da sociedade dos gregos antigos, já que reuniam enorme multidão para assistir às cerimônias religiosas e diversas disputas desportivas nas quais os grandes atletas competiam. Assim, as competições tinham lugar num espaço público perante a comunidade reunida.

Mas até a competição, um longo caminho era percorrido, e parte fundamental dele estava no treinamento que acontecia nos ginásios – espaço destinado a essa finalidade. Assim, defendemos que o ginásio grego era um espaço de significação social, isto é, construído cultural e socialmente, fundamental para a formação do cidadão, onde modelos de sociabilidade eram vivenciados pelos helenos do Período Clássico.

É corrente na historiografia relacionada ao esporte helênico a inexistência entre os autores quanto à definição do que se entendia por ginásio entre os gregos antigos. Etimologicamente, a palavra ginásio deriva de **gumnoi**: nus. Num sentido mais amplo, os ginásios eram espaços públicos onde aqueles que neles se exercitavam estavam desnudos. Originalmente, um lugar para a prática esportiva, isto é, para o exercício cotidiano, que é um meio de desenvolvimento corporal; posteriormente, um centro *intelectual*. Os ginásios eram, essencialmente, um espaço de comunicação, de interação social.

De acordo com Z. Newby, o desenvolvimento dos ginásios aparece vinculado ao aumento da necessidade de treinamento para as competições. A autora defende, ainda, que eles se tornaram espaços nos quais se evidenciou a diferenciação da elite social porque ganharam a conotação de expressão da superioridade física, sendo acessíveis apenas às camadas mais abastadas da sociedade (NEWBY, 2006, p. 69-70).

No momento de definir o que constituíam os ginásios para os gregos antigos, há, entre os autores, uma confusão no que se refere a dois dos espaços físicos mais frequentemente associados às práticas esportivas: os próprios ginásios e as palestras. De acordo com a documentação, os ginásios teriam sido estruturas maiores, contando com espaços para caminhada e corrida, bem como estruturados para a prática da luta e do pugilato. Ainda assim, há relatos de ginásios que incluíam também a palestra. Dessa forma, ginásio seria a nomenclatura dada ao complexo inteiro, e palestra, o conjunto do espaço que circundava a área aberta, com os vestiários, salas de descanso e de banho.

É impossível ter certeza absoluta sobre o que realmente aludem os autores antigos quando se referem aos ginásios e/ou palestras. Entretanto, em todos os casos, esses complexos tinham salas combinadas para conversas e discussões, assim como áreas para banho, massagem, vestiários e locais para a prática das diversas modalidades atléticas.

Defendemos, na pesquisa, que os ginásios constituíam um conjunto formado pela reunião da palestra, campo de exercício cercado de edificações diversas e estádio, pista para corrida a pé. Porém, para nós, o mais relevante é entendê-los como importantes locais para a educação dos jovens cidadãos; nesse sentido, um espaço para interações sociais, exposição dos corpos e, inclusive, prática da sexualidade.

Pausânias, na **Descrição da Grécia**, obra escrita na segunda metade do século II d.C., logo, distanciada do nosso período de análise, define ginásio como um conjunto de construções para disputas dos atletas, incluindo a palestra (6.15.8). Para o autor, a palestra era uma construção diferente. Ele nos informa que, à esquerda da entrada do ginásio, existia um recinto fechado menor, onde se encontravam as palestras dos atletas (6.21.2). Por fim, sintetiza o ginásio como uma construção da cidade de Élis, destinada à competição de luta e pugilato (6.23.4).

Refletir acerca do espaço físico dos ginásios nos remete, de imediato, às várias considerações dos autores contemporâneos acerca do conceito de espaço. As leituras teóricas que fizemos têm em comum o fato de conceberem o espaço como um **lugar praticado** – nesse sentido, uma construção sociocultural.

Henry Lefebvre, uma referência nas discussões acerca da temática, afirma que o espaço não é passivo nem vazio: é produzido por ações e reações – “o espaço intervém na produção: organização do trabalho produtivo, fluxo das matérias-primas e das energias, rede de repartição dos produtos” (LEFEBVRE, 2000, p. XX). O autor continua destacando que “o conceito de espaço liga o mental e o cultural, o social e o histórico. Reconstituindo um processo complexo: descoberta (de espaços novos, desconhecidos, dos continentes ou do cosmos), produção (da organização espacial própria a cada sociedade), criação (de obras: a paisagem, a cidade com a monumentalidade...)” (LEFEBVRE, 2000, p. XXII).

Ao afirmar que cada sociedade com seu modo de produção específico produzirá um espaço específico (LEFEBVRE, 2000, p. 40), Lefebvre inse-

re a categoria espaço na dimensão sociocultural.¹ Em sentido semelhante, o antropólogo Roberto Damatta defende que, para se entender o espaço, é necessário entender a sociedade, destacando que ele possui uma significação social (DAMATTA, 1985, p. 26 e p. 41). Já Michel de Certeau contribui para a discussão chamando a atenção para o fato de que o espaço deve ser definido como um **lugar praticado**, como o efeito produzido pelas práticas que o orientam (CERTEAU, 1994, p. 202).

Pensando sobre a relação entre o público e o privado na sociedade romana, Annapaola Ruggiu conclui que o espaço não constitui uma realidade indiferenciada, definida simplesmente em termos quantitativos de grandeza, estando intimamente ligado às atividades essenciais da vida, à realidade e à natureza da comunidade. Nesse sentido, ele se torna espaço social, isto é, socialmente utilizável (RUGGIU, 1995).

Outro aspecto fundamental sobre o qual reflete Ruggiu é a constituição de identidades a partir da interação com o espaço, porque, através da individualização dos limites e das fronteiras espaciais comuns, o grupo exprime a si mesmo e constrói a própria identidade (RUGGIU, 1995). Não podemos deixar de mencionar que o espaço se projeta com finalidades e valores de ordem social, política e cultural.

Tal reflexão também esteve presente nos estudos dos autores gregos antigos. Dentre os autores trabalhados por A.G. Navarro, interessa-nos mais estreitamente as ideias de Platão e de Aristóteles. O primeiro, no **Timeo**, definiu a Geometria como ciência do espaço, enquanto o segundo se dedicou a desenvolver uma teoria do **topos** (“lugar”), concebendo o espaço como a soma de todos os lugares, um campo dinâmico com direções e propriedades qualitativas (NAVARRO, 2007, p. 3).

Navarro ainda enfatiza que o espaço é uma das dimensões existenciais fundamentais do ser humano e, como tal, do seu plano vivencial, e que os homens, para levarem a cabo suas intenções, devem compreender as relações espaciais e unificá-las em um conceito. Podemos afirmar, assim como o autor, que a experiência que tem o homem do ambiente que o rodeia, permite assinalar que a percepção do espaço é algo muito mais dinâmico que estático (NAVARRO, 2007, p. 3-5).

Feitas tais considerações acerca da categoria espaço, consideramos que podemos nos centrar mais propriamente no nosso objeto de estudo neste artigo, a saber: o ginásio como espaço de formação dos cidadãos ate-

nienses. Sabemos que ele, enquanto **locus** de exercício da cidadania entre os helenos, era dinâmico e complexo. Para efeito de delimitação temática, nos limitaremos a abordar um dos aspectos peculiares às interações desenvolvidas no espaço dos ginásios: a nudez do corpo do atleta.

Nunca é demais ressaltarmos que nossa análise se centrará no grupo social dos **kaloí kagathói** - os cidadãos bem-nascidos. Além das limitações oferecidas pela documentação, o próprio ginásio é um espaço de constituição de identidades dos grupos de cidadãos abastados e de demarcação de alteridades frente aos demais grupos de cidadãos e de não cidadãos.

Selecionamos para análise três cenas cujas ações se desenvolvem no âmbito dos ginásios. Elas foram pintadas em uma **kýlix**² – Figura 1 (FACES A, B e Medalhão)³ – de figuras vermelhas.³

Antes de analisarmos as cenas, algumas considerações acerca do trabalho com imagens devem ser feitas.⁴ Não podemos deixar de mencionar a importância que as imagens pintadas nos vasos áticos têm para o conhecimento da sociedade dos atenienses: sem elas, existiria uma lacuna expressiva em nosso conhecimento. Outra questão a ser salientada é que viver na **pólis** era construir imagens, fossem elas verbais ou pictóricas (RASMUSSEN; SPIVEY, 1993, p. XIII; THEML, 2002, p. 15).

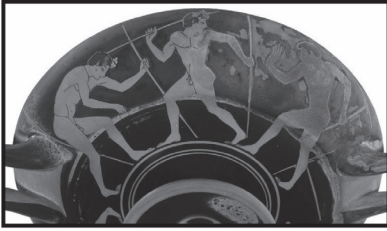
Além de um produto de uso cotidiano entre os gregos antigos, a cerâmica é também um meio de expressão sociocultural que possui para o historiador a vantagem de vir diretamente do seu período - diferente dos textos escritos, que sofreram constantes intervenções, seleções e/ou censuras para sobreviver em nosso tempo (KEULS, 1993, p. 2).

As cenas pintadas nos vasos áticos são polissêmicas, sendo, assim como muitas outras formas de arte antiga, extremamente semióticas em sua natureza, isto é, o uso frequente de uma forma gráfica específica tem adquirido valores simbólicos que vão além de sua comunicação literal. No momento de analisar uma determinada imagem, devemos ter em mente que as interpretações variam em diferentes contextos, de acordo com os olhares e segundo nossas diferentes expectativas, até mesmo porque a *leitura* de uma imagem não se reduz à decodificação de um único significado (KEULS, 1997, p. 307-309; ROBERTSON; BEARD, 1993, p. 13-4).

Para sistematizar melhor nossos argumentos, passemos à interpretação das imagens; na sequência, estabeleceremos as relações entre elas.

Figura 1

Face 1A



Face 1B



Medalhão



Localização: Boston, Museum of Fine Arts - inv. 98.876. **Temática:** Atletas em treinamento. **Proveniência:** Não fornecida. **Forma:** Kýlix. **Estilo:** Figuras vermelhas. **Pintor:** Não fornecido. **Data:** 510-500. **Inscrições:** Face A (HO PAIS KALOS), Face B (KALOS HO PAISJ) e Medalhão (ATHENODOTOS KALOS).

Nesta **kýlix**, tanto nas duas faces quanto no medalhão as vestimentas estão ausentes, o que assinala se tratar de atletas, já que os esportes eram praticados com a total nudez dos corpos. Nas três cenas, também notamos que se trata de jovens, pois são imberbes.

Quanto à apropriação do espaço, na Face 1A, temos o primeiro jovem da esquerda para direita, que se encontra agachado e parece segurar uma fita. Dois jovens, o do centro e o da direita, estão de pé. O primeiro segura um dardo, enquanto o segundo, um par de dardos; já o terceiro porta um enxadão. Os jovens apresentam coroas na cabeça, um indício claro de que já foram vitoriosos em alguma das modalidades esportivas. Na Face 1B, os três personagens estão de pé. O primeiro, da esquerda para a direita, está segurando um par de dardos (o que se percebe mesmo havendo falhas no verniz). Os outros dois estão voltados para o primeiro personagem. O jovem ao centro também segura um par de dardos, e o da direita, um par de halteres. Os três apresentam coroas na cabeça. Já no Medalhão, o jovem representado está de pé, com a cabeça voltada para a esquerda e portando um par de halteres. Possui coroa na cabeça.

Nas três cenas, notamos a presença, ao todo, de doze dardos, três enxadões e dois pares de halteres, objetos que fazem menção explícita às modalidades esportivas. Nas três cenas, classificamos o espaço como interno. Mesmo não havendo objetos pendurados na parede, as modalidades às quais as cenas fazem referência (lançamento de dardo e salto em distância) eram praticadas na *palestra*, espaço utilizada para treino.

As inscrições *HO PAIS KALOS* (O jovem é belo), na Face A; *KALOS HO PAIS* (O jovem é belo), na Face 1B e *ATHENODOTOS KALOS* (Athenodotos é belo), no Medalhão, assinalam que não só as modalidades descritas, mas os jovens representados em cenas são considerados belos por estarem atuando em atividades valorizadas pela **pólis**. A presença do termo **kalós** pode fazer alusão à beleza ou, ainda, à condição social de **bem-nascido**. No que se refere à beleza física, não podemos esquecer que o objetivo dos pintores é valorizar as qualidades atléticas dos jovens, o vigor de seus exercícios (SCHNAPP, 1996, p. 45).

Quanto aos jogos de olhares, todos os personagens presentes nas cenas aparecem em perfil, forma mais comum de representação nas imagens áticas. No caso desse tipo de representação, a veiculação da mensagem não permite um diálogo direto com um enunciador-destinatário externo; isto é, não se estabelece uma interação com o público, e a cena adquire a conotação de um exemplo a ser seguido pelos receptores (CALAME, 1996, p. 108). No Medalhão da Figura 1, o olhar é de três quartos. Esse tipo de olhar denota comunicação interna e externa, produzindo um duplo diálogo, levando o espectador a tomar como exemplo a cena representada e, ao mesmo tempo, a participar dela.

Na interpretação das imagens, a observação dos gestos das personagens é fundamental. Tal questão foi objeto de um diálogo entre o Sócrates de Xenofonte e o pintor Parrásio. Sócrates faz a seguinte colocação e obtém concordância do pintor:

Ademais, a magnificência e a condição de homem livre e nobre, o servilismo e a condição de escravo vil, a prudência e o entendimento, a insolência e a vulgaridade refletem-se no semblante e nos gestos corporais, esteja-se em repouso ou em movimento (XENOFONTE. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**. III, 10, 5)

O que a passagem nos informa é a importância dos gestos como reveladores de sentido nas imagens. Através da análise do gestual, conseguimos diferenciar personagens, identificar o seu **status**, indicar as modalidades praticadas, perceber os espaços de ação da cena, etc. O disco seguro pelos personagens nos dois vasos, os seus corpos e as suas posturas são signos que indicam, na cena, movimento.

Nas cenas, fica evidente a valoração feita pelo pintor da beleza física, da prática esportiva, do **desnudar-se** característico da democracia ateniense, do movimento e da harmonia do corpo, das virtudes de um cidadão ideal, do equilíbrio e da sincronia dos movimentos.

Outro elemento significativo nas imagens analisadas é a nudez. Componente indissociada da prática esportiva, a nudez é um dos signos que ajudam a comprovar se a cena diz respeito, de fato, a uma cena de esporte, uma vez que os atletas se exercitavam nus. É frequente a escolha dos pintores em representar os atletas com os corpos nus e apolíneos, pois era assim que seriam valorizados perante a **pólis** e desejados com honra (SENNETT, 1997, p.42).

A nudez dos corpos gregos poderia assinalar significados específicos, como distinção entre fortes e fracos, civilizados ou bárbaros (já que os bárbaros não se exercitavam nus), honrados e desonrados. O ato de exibir-se confirmava a dignidade da cidadania e reforçava os laços cívicos (SENNETT, 1997, p.30). O atleta utilizava a nudez como sua “vestimenta”, portando os signos que o localizavam dentro da dinâmica **poliade** e do que os seus iguais deveriam esperar dele (ao visualizar a nudez do atleta, esperava-se dele coragem, virilidade, força, etc). Por ser um atributo identificador do atleta, o corpo nu era enfatizado no contexto do social, da coletividade, enquanto produtor de significados e sentidos.

Após analisarmos as cenas selecionadas, de posse de nosso conhecimento na documentação imagética e reflexões teóricas, concluímos que o ginásio, mais do que um espaço físico para as práticas esportivas, era um lugar simbólico, um lugar praticado.

Nele, jovens e adultos, mais que adestrarem seus corpos, relacionavam-se e exercitavam os valores **políades** da **koinonía**, da coragem, da força, da virilidade e da publicidade dos atos. Esses valores estavam intimamente conectados ao modelo ideal de cidadania, caro entre os helenos, pois era aquele que os fazia gravitar na esfera da honra.

O ginásio, também, era o espaço para a formação dos futuros cidadãos, vinculando-se diretamente à **paideía**. As diversas modalidades ali praticadas eram ensinadas aos mais jovens, que se tornariam, futuramente, os atletas que disputariam as competições esportivas. Para Marrou, falar em esporte era se referir ao esporte competitivo, pois era neste contexto que se encontrava o ideal **agonístico** herdado dos exemplos heróicos que os helenos tinham. Ser o melhor, o primeiro, o que se destaca em seu grupo (MARROU, 1998, p. 213).

Outro elemento relacionado ao espaço do ginásio é a interação social ali desenvolvida. Inseridos na esfera dos desportos, os atletas entravam em contato com outros (mais novos, de sua idade e/ou mais velhos). Além de incentivar a **phília** entre os **ísoi**, essas relações impulsionavam outra etapa fundamental no processo educacional ateniense: a pederastia - prática que unia dois homens, um mais velho e um mais novo, na busca de uma maior preparação do mais jovem. Segundo Marrou, para o homem grego, a **paideía** também residia nas relações profundas e estreitas que uniam pessoalmente um jovem (**erómenos**) a um mais velho (**erastés**). Esse homem mais velho seria seu guia, seu modelo, seu ideal e seu iniciador. A ligação amorosa homoerótica acompanhava-se de um trabalho de formação e de maturação, em que o **erómenos** era iniciado lentamente nas atividades sociais do **erastés**: a assembleia, o ginásio, o banquete, a **agorá** (MARROU, 1966, p.58-9). Essa prática estava atrelada à construção do ideal de masculinidade ligado diretamente ao de cidadão. A pederastia, em especial na sociedade dos atenienses, podia ser aceita e valorizada quando a relação estivesse voltada para a educação do jovem, principalmente aristocrata. Era uma instituição pedagógica (VRISSIMTZIS, 2002, p. 100).

O ginásio, desse modo, convertia-se num espaço com uma dupla função: além de ser o local de preparação do corpo do atleta, era o espaço de exposição do mesmo, visto que a abordagem nele se dava através de cortejamentos e presentes (com animais vinculados à esfera da virilidade, da coragem e da caça, como galos, cachorros e lebres). Os presentes também poderiam ser vasos feitos sob encomenda, contendo o nome do receptor e, às vezes, o nome do adulto que os encomendou. Essas inscrições assinalavam o destino desses objetos com adjetivos dados àqueles que os recebiam e/ou aquilo que os helenos consideravam **belo**. No vaso que analisamos neste artigo, encontramos inscrições similares, vinculando o jovem atleta ao adjetivo **Kalos** (belo).

Dessa forma, concluímos que o ginásio era um dos espaços públicos indissociáveis da dinâmica **políade**. Um lugar socialmente construído, onde os valores helênicos eram exaltados através das práticas esportivas e das interações sociais.

GYMNASIUM AS A PLACE OF FORMATION OF CITIZENS: SPORTS PRACTICES IN ANCIENT GREECE

Abstract: *In this article we argue that the gymnasium, public space and inseparable from polyadic dynamics, was a socially constructed place where Hellenic values were extolled through sports practices and social interactions.*

Keyword: *Space, Gym, Ancient Greece, Nudity*

Documentação escrita

ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

PLATÃO. **República**. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

XENOFONTE. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**. Trad. Edson Bini. Bauru/SP: Edipro, 2006.

Referências bibliográficas

- BARROS, G. **As Olimpíadas na Grécia Antiga**. São Paulo: Pioneira, 1996.
- CALAME, C. **Récit em Grèce Ancienne: Enonciation et Representations des Poetes**. Paris: Maridiens Klicksieck, 1986.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DAMATTA, R. **A casa e a rua**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- KEULS, E. C. **The Reign of Phallus: Sexual Politics in Ancient Athens**. California: University of California Press, 1993.
- _____. **Painter and Poet in Ancient Greece: Iconography and Literary Arts**. Stuttgart and Leipzig: B. G. Teubner, 1997.
- LEFBVRE, Henry. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 2000 [1974].
- LESSA, F. S. Corpo e cidadania em Atenas Clássica. In: THEML, N.; BUSTAMANTE, R.M.C.; LESSA, F. S. (Org.) **Olhares do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- MARROU, H.I. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: EPU, 1966.
- _____. Educação e retórica. In: FINLEY, M. I. (Org.) **O legado da Grécia: uma nova avaliação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- NAVARRO, A.G. Sobre el concepto de espacio. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, v. 17, p. 3-21, 2007.
- NEWBY, Z. **Athletics in the ancient world**. London: Bristol Classical Press, 2006.
- RASMUSSENT, T.; SPIVEY, N. **Looking at Greek Vases**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ROBERTSON, M.; BEARD, M. Adopting an Approach. In: RASMUSSENT, T.; SPIVEY, N. **Looking at Greek Vases**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- RUGGIU, A. **Spazio Privato e Spazio Pubblico nella Città Romana**. Roma: EFR, 1995.
- SENNETT, R. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- THEML, N. Linguagem e comunicação: ver e ouvir na Antiguidade. In: **Linguagens e formas de poder na Antiguidade**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2002.
- VRISSIMTZIS, N. **Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002.

¹ Lefebvre alerta para a necessidade de os pesquisadores prestarem a atenção à seguinte triplicidade: a *prática espacial* (produção e reprodução, lugares específicos e conjuntos espaciais próprios a cada formação social que assegura a continuidade numa relativa coesão), **as representações do espaço** (relacionadas às relações de produção, à ordem que elas impõem, aos signos e códigos), bem como os *espaços de representação* (relacionados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que pode se definir não como código do espaço, mas código dos espaços de representação) (LEFEBVRE, 2000, p.42-3).

² Taça usada para beber vinho.

³ O estilo chamado de figuras vermelhas, mais característico do Período Clássico, apresenta os elementos da decoração em tom claro sobre fundo escuro.

⁴ Aplicaremos às imagens o método semiótico proposto por Claude Calame (1986), que pressupõe a necessidade de:

1. verificar a posição espacial dos personagens, dos objetos e dos ornamentos em cena;
2. fazer um levantamento detalhado dos adereços, mobiliário, vestuário e gestos, estabelecendo um repertório de signos;
3. observar os jogos de olhares dos personagens, que podem apresentar-se em três tipos:
 - **Olhar de Perfil** – o receptor da mensagem do vaso não está sendo convidado a participar da ação. Há comunicação interna entre as personagens pintadas, e suas ações devem servir como exemplo para o público receptor.
 - **Olhar Frontal** – a personagem convida o receptor a participar da ação representada, estabelecendo uma comunicação direta.
 - **Olhar Três quartos** - a personagem olha tanto para o interior da cena quanto para o exterior. O receptor da mensagem está sendo convidado a participar da cena.